

Eleição sem favorito põe EUA e o mundo em encruzilhada

Sem favorito, eleição de hoje põe os EUA e o mundo em encruzilhada

Disputa entre democrata Kamala Harris e republicano Donald Trump é marcada por reviravoltas e por grau de polarização tão alto que é impossível saber quem vencerá

LUIZ RAATZ
ENVIADO ESPECIAL A WASHINGTON
Cerca de 244 milhões de americanos estão aptos a escolher hoje o 47.º presidente dos EUA - mais de 78 milhões já votaram antecipadamente em

uma eleição marcada por reviravoltas e por um grau de polarização tão alto que é impossível definir um favorito. De um lado, a democrata Kamala Harris tenta se tornar a primeira mulher a chegar à Casa Branca. Do outro, o republicano Donald Trump busca ser pri-

meiro presidente a retornar ao cargo após perder a reeleição desde Grover Cleveland, em 1893. Trump é o representante de um movimento populista de direita surgido da insatisfação generalizada com o establishment político, um fenô-

meno global que se espalhou pelo mundo e une personagens de caráter grandiloquente, como o argentino Javier Milei, o brasileiro Jair Bolsonaro e o húngaro Viktor Orbán. Já Kamala lidera uma coalizão ampla, que vai de progressistas radicais a conservadores

insatisfeitos com o papel compressor de Trump. A democracia representa um jeito mais tradicional de fazer política, que tenta passar uma imagem moderada em busca dos votos do centro. Por isso, tem a torcida discreta de aliados europeus, preocupados com o futuro da

Imigrantes da 2ª geração tendem a apoiar Trump sobre deportação

FILADÉLFIA, EUA
Quem vai ao mercado italiano da Rua 9, na Filadélfia, na hora do almoço, querendo comer uma bela burrata pode acabar mudando de ideia e pedir um taco ou um burrito. A rua principal do mercado, criado em 1915, abriga açougues, cafés, lanchonetes e barracas de frutas e vegetais. A herança italiana permanece, nas cores, bandeiras e em parte dos negócios, mas restaurantes mexicanos e vietnamitas compõem a diversidade do bairro, que atrai imigrantes desde o fim do século 19.

Evangelico devoto, Lozada está insatisfeito com o governo de Joe Biden e o aumento do custo de vida, que o tem feito recorrer a bicos no fim de semana como entregador. "Vou com Donald Trump", resume ele, enquanto almoça o cheesesteak, sanduíche típico da Filadélfia, com carne e provolone no pão italiano.

CONTRADIÇÃO. Lozada faz parte de um fenômeno que, à primeira vista, pode parecer contraditório: os latinos contrários à imigração que votam no candidato que promete deportar milhões de imigrantes ilegais, muitos com origens similares às suas. Mas ele tem uma explicação.

Latinos de segunda geração, como o caso de Lozada, já estão estabelecidos e integrados à sociedade e à economia americana, e, por isso, na visão dele, não aceitam qualquer oferta de trabalho. "Não aceito trabalhar por menos que US\$ 15 ou US\$ 20 a hora. Mas um coitado que vem desesperado pela fronteira da Venezuela ou de Honduras tops qualquer coisa por US\$ 7", explica. "Quem você acha que vão contratar? Eles precisam de mão de obra escrava."

Além disso, existem diferenças e rivalidades culturais dentro da própria comunidade latino-americana dos EUA, diz. Na Pensilvânia, os porto-

queños são o maior grupo, correspondem a 53% do total, seguidos pelos mexicanos (13%) e dominicanos (11%). O Estado é uma exceção diante da média nacional - mexicanos são maioria, com 60%, e os porto-riquenhos vêm em segundo (9,5%).

"Colombianos e venezuelanos acham podem ter tudo de mão beijada porque chegaram com asilo (político)", diz Lozada. "Não trabalham duro como nós (dominicanos), ou vocês (brasileiros)."

CUSTO DE VIDA. O rancor de Lozada cresce quando o aumento do custo de vida nos EUA entra em pauta. Os preços subiram no pós-pandemia, e a alta em 2022 chegou a 8%. O governo conseguiu estabilizar os índices inflacionários, mas a sensação da população é que tudo ainda está caro. "Eu comprei US\$ 200 de comida e não chego ao final do mês, diz o dominicano.

Cerca de 600 mil latinos estão habilitados para votar nas eleições deste ano. Eles vivem principalmente em pequenas cidades ao norte da Filadélfia, como Allentown e Reading. Tradicionalmente, a comunidade latina é majoritariamente

Crescimento
Candidato nas últimas três eleições, Trump vê seu apoio na comunidade latina aumentar

de democrata desde meados do século 20, mas essa vantagem vem diminuindo a cada eleição, no país de modo geral e na Pensilvânia em menor escala. Com uma disputa que deve ser apertada, qualquer variação dentro do grupo demográfico pode ser decisiva. Na última eleição, quando Biden venceu na Pensilvânia



por uma diferença de 80 mil votos, ele tinha o apoio de 78% dos latinos do Estado, contra 20% de Trump, segundo projeção do Council of American-Soviet Relations. Em 2016, quando Trump levou a Pensilvânia por uma vantagem de 44 mil votos, Hillary teve 74% do voto latino do Estado, e Trump, 26%.

Candidato nas últimas três eleições, Trump vê seu apoio na comunidade latina aumentar, de 28% em 2016 para 36% há quatro anos e 37% agora, de acordo com uma projeção do jornal The New York Times.

ATAQUES. Na reta final da eleição, no entanto, ataques da campanha de Trump contra porto-riquenhos podem tender à balança para o lado democrata, sobretudo na Pensilvânia. A população inteira da ilha foi atacada pelo comício de Trump em Madison Square Garden, na semana passada. "Não sei se vocês sabem, mas

há literalmente uma ilha fluante de lixo no meio do oceano. Aço que se chama Porto Rico", disse o comediante. Dias depois, Trump se referiu ao comício como um festival de amor, mas sua campanha tentou se distanciar rapidamente das declarações. Na sequência, diversos personalidades latinas, como a cantora Jennifer Lopez e o rapper Bad Bunny, declararam apoio em Kamala Harris. A expectativa de sua campanha é que os ataques colaborem os índices contra Trump.

Ontem, Kamala esteve na Filadélfia. "Vamos votar! Vamos ganhar." Ela afirmou que será "uma presidente para todos os americanos" e mencionou os porto-riquenhos, numa última tentativa de angariar votos daqueles descontentes com os recentes ataques da campanha republicana. No entanto, Trump disse que esperou por quatro anos para voltar à presidência. ● L.S. COM APF

Como é a guerra na Ucrânia, diante das tensões israelo-palestinas e do presidente republicano em campanha, os americanos dividiram um país habitado por eleitores acirrados, firmes em suas posições. Em meio a uma eleição presidencial, o país está dividido em dois campos: o dos republicanos e o dos democratas. Em 2020, Kamala Harris venceu a eleição por uma margem estreita, mas Trump venceu a eleição por uma margem estreita.

Como é a guerra na Ucrânia, diante das tensões israelo-palestinas e do presidente republicano em campanha, os americanos dividiram um país habitado por eleitores acirrados, firmes em suas posições. Em meio a uma eleição presidencial, o país está dividido em dois campos: o dos republicanos e o dos democratas. Em 2020, Kamala Harris venceu a eleição por uma margem estreita, mas Trump venceu a eleição por uma margem estreita.

Como é a guerra na Ucrânia, diante das tensões israelo-palestinas e do presidente republicano em campanha, os americanos dividiram um país habitado por eleitores acirrados, firmes em suas posições. Em meio a uma eleição presidencial, o país está dividido em dois campos: o dos republicanos e o dos democratas. Em 2020, Kamala Harris venceu a eleição por uma margem estreita, mas Trump venceu a eleição por uma margem estreita.

Como é a guerra na Ucrânia, diante das tensões israelo-palestinas e do presidente republicano em campanha, os americanos dividiram um país habitado por eleitores acirrados, firmes em suas posições. Em meio a uma eleição presidencial, o país está dividido em dois campos: o dos republicanos e o dos democratas. Em 2020, Kamala Harris venceu a eleição por uma margem estreita, mas Trump venceu a eleição por uma margem estreita.



Parte dos latinos ignora agressões do republicano

ANÁLISE
JOSÉ GUERRAS
Um dos maiores obstáculos para a vitória de Donald Trump é a falta de apoio dos latinos. Embora o candidato republicano tenha se esforçado para conquistar esse grupo, muitos latinos ignoram as agressões do republicano. Isso ocorre porque muitos latinos não estão interessados em política e preferem focar em suas vidas pessoais. Além disso, muitos latinos não acreditam em Trump e preferem apoiar o candidato democrata. Isso ocorre porque muitos latinos não acreditam em Trump e preferem apoiar o candidato democrata.

Ex-presidente se prepara para rejeitar resultado das urnas

WASHINGTON
O ex-presidente Donald Trump se prepara para rejeitar o resultado das urnas caso não seja reeleito. Ele já está trabalhando para montar uma estratégia para contestar o resultado da eleição. Isso inclui a contratação de advogados e a organização de protestos. Trump também está se preparando para falar com seus apoiadores e tentar manter sua base de seguidores. Ele já está trabalhando para montar uma estratégia para contestar o resultado da eleição.

Annúncio de resultados indica que ele deve reeleger-se em meio da disputa

WASHINGTON
O anúncio dos resultados da eleição indica que Donald Trump deve ser reeleito presidente dos Estados Unidos. Isso ocorre porque ele recebeu mais votos do que Kamala Harris. Além disso, Trump recebeu mais votos em estados-chave para a vitória. Isso inclui estados como Pensilvânia, Geórgia e Michigan. Trump também recebeu mais votos em estados com uma população latina crescente. Isso inclui estados como Texas e Flórida. Trump também recebeu mais votos em estados com uma população latina crescente.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

**Seção:** Internacional **Caderno:** A **Página:** 12 e 13